

COTIDIANO DA ESCOLA

UM CONTO SOBRE UMA BUSCA BONITA POR MULHERES CIENTISTAS

Rita Perez Germano*

Era uma vez uma professora que estava cansada desse mundo azul. De um azul que não era da cor do mar. De um azul que representava historicamente e culturalmente uma sociedade que enaltecia a figura masculina. O azul, então, não era do mar e nem do céu. Era um azul dos homens.

Mudar o mundo é difícil. É utópico. É desacomodador. Mas essa professora queria tentar, se não mudar o mundo lá de fora, o mundo de dentro. De dentro da sua sala de aula, de dentro de cada criança ali, sedenta por mundos novos e ideias deliciosas - e já cansadas, apesar de seus singelos nove anos, de tantas situações de desigualdades.

E ela tentava, mostrando a presença das mulheres na música, falando sobre os papéis das mulheres na literatura, apontando um mundo para além das princesas rosas e suas doloridas esperas pelo príncipe azul, tentando despertar o pensamento sobre essas questões tão, mas tão corriqueiras, que passam algumas vezes despercebidas – tamanha condição “natural” como são oferecidas.

*Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Professora do Colégio Salesiano Leão XIII.

E foi em um trabalho rotineiro sobre “ciências e cientistas” que a menina, de nove anos, dos olhos grandes fez uma simples pergunta:

- E não tem cientista mulher?

Simple e tão complicada. Um antagonismo de um mundo todo, de toda uma história de invisibilidade. Sim, invisibilidade. São tantas e não são visíveis a olho nu. São tantas e a pesquisa precisa de filtros, pois o azul anula. O azul por si só é superior, pois compactuando com SCHIEMBIGER, 2001 (apud SILVA e RIBEIRO, 2015), “As mulheres como grupo foram excluídas do mundo da ciência sem nenhuma outra razão que não o seu sexo”. A pergunta não quis calar. E dela surgiu uma infinidade de estudos e pesquisas. Crianças pesquisando e suscitando o desejo, a interrogação – e, sobretudo, a observação desse mundo.

Comecei essa escrita comentando sobre a tal professora que queria mudar o mundo (com seus moinhos de vento, quem sabe?), mas a personagem principal dessa narrativa não é ela. São elas: as crianças de nove anos, do quarto ano A do Colégio Salesiano Leão XIII, em Rio Grande. São elas as protagonistas de uma busca bonita por respostas tão difíceis de serem encontradas. Respostas arraigadas em uma história que negava a presença feminina nos espaços escolares, restringindo, assim, o acesso aos saberes formais.

– Se tem cientista mulher, Duda?

– É Profe! Tem?

– Vamos buscar. Vamos pesquisar.

E o que era uma pergunta tornou-se 120 dias de um estudo bonito e reflexivo. A curiosidade que, às vezes, mata o gato, não matou ninguém; mas matou a tradição, matou a condição de um azul superior, matou a ideia de que os homens aparecem mais no campo da ciência porque são mais inteligentes do que as mulheres, porque tendem mais às “Exatas”, enquanto as mulheres ficam com as “Humanas”. Trouxe à tona inquietações, saberes, invisibilidades e uma produção pra lá de bonita.

A pesquisa foi iniciada no laboratório de informática do colégio e uma mulherada foi aparecendo.

- Profe, tem uma “Marie Curie”...

- Olha, tem uma de Rio Grande, a “Rita Lobato”!

- Como se fala “Bergmann”?

Muitas cientistas foram aparecendo e era necessário organizá-las. Com isso, foram sendo separadas e classificadas pelos lugares onde fizeram as suas pesquisas: no Brasil, no

Rio Grande do Sul, em Rio Grande e no mundo – como foi definido por eles, aquelas mulheres que não estavam tão “perto”. Assim, não só as mulheres formaram grupos, mas as crianças também: o grupo do mundo, do Brasil, do Rio Grande do Sul e de Rio Grande; cinco crianças em cada grupo. Mesmo assim, era uma mulherada e tanto:

-Muita gente, Profe. Tá ficando enorme!

Então, foi definido que ficariam três mulheres em cada grupo, e o critério seria a relevância das pesquisas de cada cientista.

- Como assim: relevância?

- O que para vocês, o que para grupo, é mais interessante saber mais, contribui mais pra nós. –

Mas a Marcela acha mais legal uma e eu outra.

- Então conversem e cheguem a um entendimento. Uma precisa convencer a outra.

Passada a fase do convencimento, veio a sistematização de tudo. Hora de ir para o papel e mostrar a todos o que foi procurado, o que foi discutido, o que foi escolhido. Cada grupo recebeu uma folha de papel A3 e ali precisariam reproduzir, em textos verbais e não verbais, os feitos de suas cientistas. Sim, as cientistas delas, das crianças. Nesse momento, o amor e a convivência eram enormes que a “posse” também ficou evidente.

– A minha Thaísa...

- A tua Marie...

- A nossa Paula...

Mulheres no papel, era hora de apresentar o que foi afunilado ao longo dos estudos ao grande grupo, já que até agora cada grupo se deteve apenas às suas cientistas. Durante as apresentações, um grupo trouxe uma surpresa boa aos demais:

- Profe, nosso grupo fez a pesquisa sobre a Rita Lobato, primeira médica do Brasil; a Silvia Costa que trabalha com tecnologias e a Paula Ribeiro que é professora e coordena o grupo de Sexualidade e Escola.

- Vocês sabiam que conheço a Paula? – disse a professora.

E então o entusiasmo em saber que uma cientista era, sim, alguém entre nós tomou conta deles. Alguém que não ficaria apenas nas folhas de papel e nas telas dos computadores. Alguém que eles poderiam ter um contato. E tiveram. Tiveram o melhor contato do mundo. O contato mais esperado do ano.

O contato com a Professora Doutora Paula Regina Costa Ribeiro, líder do grupo de

estudos Sexualidade e Escola, o GESE, da Universidade Federal do Rio Grande, foi feito e aceito de imediato. A partir de então a preparação do encontro com a “cientista Paula” foi sendo delicadamente e nervosamente (com a licença do advérbio) pensado e projetado, desde o ambiente - repleto de cores - até o conteúdo da conversa – repleto de sabores.

Assim, cada criança, elaborou perguntas à professora Paula Ribeiro; perguntas livres que variavam de “O que é transexual?” até “Por que os homens ganham mais do que as mulheres?”. Perguntas livres de pudores, de tabus; perguntas totalmente condizentes com a sociedade em que estão inseridos. Dessa maneira, fez-se a pesquisa dentro da pesquisa. Do todo, das “Mulheres na Ciência”, foi feita uma pesquisa mais profunda nos estudos de gênero e sexualidade que permeiam a produção da cientista Paula Ribeiro. E discussão de “por que os meninos vestem azul e as meninas vestem rosa” foram feitas com muita indignação e motivação.

O dia do encontro foi recheado de olhos sedentos por respostas. Repostas que traziam outras perguntas, que puxavam histórias pessoais e orgulho quando percebiam que não corroboravam para a dicotomia de gênero:

- Sabe, professora Paula, nós não separamos fila de menino e de menina...

O resultado de tudo foi a pesquisa itinerante “Mulheres na Ciência”, composta por quatro banners que estão percorrendo as escolas de Rio Grande. Banners que carregam muito além de palavras e imagens: carregam a busca e o sonho de um mundo com mais mulheres cientistas, um mundo menos sexista, um mundo com menos preconceito, um mundo que não seja construído em cima de estruturas exclusivamente masculinas. Um mundo de várias cores – e não apenas azul e rosa ou rosa e azul.

E a professora que pensava em mudar o mundo viu que não mudou o mundo. Mas que colaborou para que as “suas” crianças mudassem seus jeitos de pensar, mudassem conceitos arraigados e ideias já prontas e acabadas. Mudassem. Apenas mudassem as coisas de lugar.

E esse “era uma vez” não tem um FIM como as narrativas de princesas e príncipes que são conhecidas. Sequer tem um ponto final. Tem reticências... para que essa professora veja que tem muito a ser feito ainda...

Referências

RIBEIRO, Paula; SILVA, Elenita; TEIXEIRA, Filomena. **Atravessamentos de gênero, corpos e sexualidade: Linguagens, apelos, desejos, possibilidades e desafios...** 1.ed. Rio Grande, Editora da FURG, 248 p.